

A Filosofia Relacional Dialógica e as Perspectivas do Interculturalismo na Educação

*Marta Genu Soares**

*Laine Rocha Moreira***

*José Anchieta de Oliveira Bentes****

Resumo

O artigo discute a relação entre a filosofia relacional dialógica e as perspectivas teóricas do interculturalismo na Educação, a partir dos conceitos de cultura, diálogo e interculturalismo. São identificadas categorias de análise para a compreensão do constructo teórico do diálogo na perspectiva da filosofia relacional dialógica de Buber e nas bases educacionais do interculturalismo. O estudo destaca que o diálogo é indispensável na relação entre os sujeitos, pois através dele se pode mediar conflitos, principalmente entre e grupos sociais e culturais diversos. Considera que quando um sujeito transforma um outro sujeito em uma coisa, em um isso, não ocorre o diálogo intercultural.

Palavras-chave: Educação. Diálogo. Interculturalismo.

* Universidade do Estado do Pará. Belém, Pará, Brasil. E-mail: martagenu@gmail.com.
Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1588-7305>

** Universidade do Estado do Pará. Belém, Pará, Brasil. E-mail: laine.educacaofisica@hotmail.com.
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8347-7984>

*** Universidade do Estado do Pará. Belém, Pará, Brasil. E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br.
Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1134-3677>

The Dialogic Relational Philosophy and Prospects of Interculturalism in Education

Abstract

This article discusses the relation between dialogic relational philosophy and the theoretical perspectives of interculturalism in education, starting from the concepts of culture, dialogue and interculturalism. Analysis categories are identified for understanding the theoretical construct dialogue from the perspective of dialogic relational philosophy in Buber's perspective and educational bases of interculturalism. The study highlights that dialogue is essential in the relationship between the subjects, since through it, we can mediate conflicts, especially between several social and cultural groups. It considers that in the moment someone turns someone else in an object, it does not occur an intercultural dialogue.

Keywords: Education. Dialogue. Interculturalism.

La Filosofía Relacional Dialógica y las Perspectivas de Interculturalismo en la Educación

Resumen

El artículo discute la relación entre la filosofía relacional dialógica y las perspectivas teóricas del interculturalismo en la educación, a partir de los conceptos culturales, el diálogo y el interculturalismo. Se identifican categorías de análisis para una comprensión de constructo teórico del diálogo en la perspectiva filosófica relacional dialógica de Buber y en las bases educativas del interculturalismo. El estudio destaca que el diálogo es indispensable en la relación entre los sujetos, pues a través de él se pueden mediar conflictos, principalmente entre diversos grupos sociales y culturales. Considera que cuando un sujeto transforma a otro sujeto en una cosa, en un eso, no ocurre el diálogo intercultural.

Palabras clave: Educación. Diálogo. Interculturalidad.

Introdução

A sociedade contemporânea apresenta características próprias imbuídas de diferenças que a todo instante nos desafia a pensar em novos modelos de convivência entre culturas. As relações entre os indivíduos na sociedade contemporânea apresentam-se com uma configuração estreitamente estereotipada, em que uns se sobrepõem sobre os outros, ocorrendo a ausência de relações dialógicas, no sentido buberiano. Neste artigo se faz reflexões para compreender as possibilidades de um diálogo intercultural.

O diálogo intercultural é uma das promessas da contemporaneidade, quando a cultura teria que assumir uma função de grande relevância no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade, com fatores como o avanço tecnológico e o crescimento industrial consequente do sistema capitalista vigente.

Conceituar e entender o lugar que a cultura ocupa nesta conjuntura se apresenta como ponto inicial desse debate para compreender como se dá o conjunto de atitudes, crenças e valores que indubitavelmente favorecem o estabelecimento de um diálogo e um relacionamento entre os humanos. Dentre seus diversos significados, adota-se o conceito de Geertz (1989) o qual entende que o constructo cultura é essencialmente semiótico devido fundamentar-se no compartilhamento de ideias, formada por uma teia de significados. Desta forma, admite-se que as relações sociais e culturais estão imbricadas de significados contidos em um conjunto de símbolos compartilhados por determinados grupos de indivíduos.

O compartilhamento de ideias se configura em uma teia de significados que são construídas coletivamente, e por isso, surge a necessidade de diálogo e a relação entre os indivíduos. Para Geertz (1989), a cultura resulta em teias, e isso nos ajuda a compreender que, pelo fato de estarem entrelaçadas, torna-se propícia ao estabelecimento de conflitos entre grupos heterogêneos que convivem em um mesmo espaço.

Ciente que esse compartilhamento de ideais nem sempre ocorre de forma pacífica, surge o interesse em desenvolver este estudo face às manifestações das sociedades contemporâneas marcadas por conflitos, estereótipos e disparidades entre os povos de culturas diversas, que inúmeras vezes são apontadas, sobretudo por discriminações, ameaças e opressões principalmente relacionados a grupos minoritários como índios, mulheres, idosos, negros, pessoas com necessidades educacionais especiais, homossexuais entre outros, cujos padrões sociais **não** correspondem aos dominantes. Por isso a necessidade de pensar em propostas que promovam o diálogo entre os sujeitos como forma de respeito às diferenças existente.

O diálogo, neste sentido, apresenta-se como ponto de partida para a concretização de uma a relação respeitosa entre os sujeitos culturais. Adota-se neste estudo o conceito de Buber (2001) para compreender o diálogo, que se revela como uma teoria da linguagem e a interação entre culturas como processo dialógico.

Assim, a perspectiva do interculturalismo se apresenta mais do que um discurso simplista e comum de uma determinada corrente teórica ou ideológica, mais do que uma estratégia de comunicação e de encontro entre os sujeitos, se configura como práticas de pensamento que favorecem uma nova forma de entender e posicionar em uma so-



cidade multicultural. É uma vertente teórica que remete ao diferente, não como outro qualquer, mais o outro como parte indispensável para o diálogo.

O interculturalismo pressupõe pensar a existência do outro, no diálogo e no contato com o outro, considerado como diferente. Para além de uma utopia que circula os discursos educacionais, configura-se como uma possibilidade de um futuro coletivo, plural, promissor que se enquadra na relação entre culturas.

O estudo, no entanto, busca responder as questões: vivendo em sociedades multiculturais, é possível a ocorrência do diálogo intercultural entre indivíduos e grupos que coexistem em um mesmo espaço? As expectativas dialógicas de Buber congregam com as perspectivas educacionais do interculturalismo? O diálogo entre os sujeitos de culturas diferentes, afinal é possível? Com base nessas interrogações o estudo analisa a filosofia relacional dialógica buberiana e as representações do interculturalismo dando ênfase na relação entre os sujeitos.

Utiliza como aporte teórico os escritos de Zuben (2001, 2011), tradutor e principal intérprete no Brasil de Buber, que traduziu a obra “Ich und Du” do alemão para o português, Freire (1968, 1996), Fleuri (2003) e autores do debate do interculturalismo no campo da educação, como Candau (2008). Para elucidar reflexões sobre a temática proposta, o estudo conceitua diálogo como possibilidade de encontro intercultural, bem como apresenta caminhos para a concretização do diálogo com base nas perspectivas educacionais do interculturalismo.

Conceituando a Filosofia Relacional Dialógica de Buber: Análise das Categorias Eu-Tu e Eu-Isso

A filosofia relacional dialógica está fundamentada na palavra princípio EU-TU. Na relação EU-TU ocorre uma atitude em relação ao outro, a alteridade, em uma posição de abertura e disposição para com o outro. Ganha destaque a relação, o entre, o inter-humano, o encontro, a reciprocidade, a responsabilidade, a tomada de posição e o diálogo. Martin Buber (1878-1965) é o principal defensor da filosofia relacional dialógica.

A filosofia relacional dialógica buberiana fundamenta-se no encontro e na relação com o outro. Apesar de seus escritos serem redigidos na primeira metade e início da segunda metade do Século XX, sua filosofia traz reflexões para pensar as questões da comunicação entre as pessoas nas sociedades atuais. Buber, escritor, estudioso, dedicou grande parte de sua vida para desenvolver análises sobre o Chassidismo, corrente mística judaica que aponta caminhos para o homem conhecer seus próprios defeitos, suas próprias angústias.

Por meio de suas experiências práticas ele escreveu seus textos sobre o Chassidismo, cuja fonte de inspiração foi sua própria vida. Para Zuben (2001, p. 17) “a fonte de onde brotou o dialógico era, pois, profundamente vivencial, concreta, existencial”. A inspiração do autor era o homem nele mesmo, através do diálogo entre sua própria vida e sua reflexão.

O livro de Buber EU e TU (2001) nos permite não apenas problematizar, mas provocar reflexões novas e práticas, principalmente no que concerne a relação entre sujeitos e a necessidade do diálogo intercultural na sociedade contemporânea. O livro é ponto



inicial para compreensão de todas as outras obras do autor. Buber, por meio da sua filosofia relacional dialógica, defende que para ocorrer o encontro tem que haver a presença, em que “o *outro* é indispensável para a realização existencial” (ZUBEN, 2001, p. 13). Os relatos do autor revelam “um compromisso intenso com a vida, a existência humana a partir dele próprio, do interior de sua vida real” (ZUBEN, 2001, p. 20).

Esse entendimento, a perceptiva da filosofia relacional dialógica de Buber, relaciona-se com as perspectivas educacionais do interculturalismo, pois segundo Fleuri (2011, p. 53) “a educação intercultural se configura como uma pedagogia do encontro [...], visando a promover uma experiência profunda e complexa, em que o encontro/confronto de narrações configura uma ocasião de crescimento para o sujeito”.

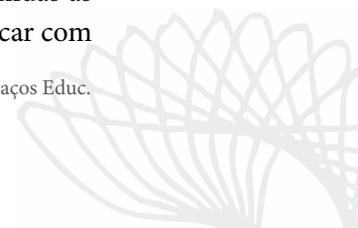
Entende-se desta forma, que o interculturalismo se configura por meio da relação, do encontro com *outro* e da interação entre os sujeitos de culturas distintas. Isso se torna possível quando esses indivíduos estabelecem o diálogo entre si, como forma de respeito e comunicação entre eles. Sendo assim, o interculturalismo se configura no reconhecimento do *outro* por meio do diálogo entre indivíduos de grupos culturais diversos. Para Candau (2008, p. 23) a educação intercultural quer “promover uma educação para o reconhecimento do *outro*, para o diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais”.

Não basta apenas a presença, a perspectiva intercultural tenta promover a comunicação entre os sujeitos, em que o *outro* é elemento indispensável para a concretização do diálogo. Neste contexto, Zuben (2001, p. 32) ressalta que “o EU se torna EU em virtude do TU”. Isso implica que a relação entre os sujeitos é base para a existência humana, em que o EU se concretiza em virtude do TU. Para o autor o EU e o TU só existe na relação, no encontro, na presença e no diálogo. Surge a dúvida, quem é o EU e quem é o TU? Zuben (2001, p. 34) refere-se o EU e o TU são pessoas, que se (re) conhecem, se respeitam, se encontram pelo diálogo.

Segundo Buber (2001), o diálogo só ocorre por meio do encontro e da relação EU-TU em sua totalidade e da reciprocidade entre os indivíduos. Essa categoria EU-TU é a base do sentido de toda a existência humana. Deve-se acolher o *outro* em sua totalidade, pois o *outro* é indispensável para o estabelecimento da relação, do encontro e do diálogo em Buber. “Ele não vê o homem enquanto indivíduo, mas como a relação entre o EU e o TU” (ZUBEN, 2001, p. 18).

O diálogo entre EU-TU é caracterizado na filosofia relacional dialógica por Buber (2009) como *diálogo autêntico*, ou seja, diálogo por meio da reciprocidade viva, de forma verdadeira na relação pessoal, no face-a-face, em que a presença do *outro* é parte fundamental para que de fato o diálogo ocorra.

Para que a relação EU-TU seja dialógica é necessário o elemento da totalidade, não como uma simples soma de elementos da estrutura relacional, mas, “a totalidade do próprio participante do evento. O homem está apto ao encontro na medida em que ele é totalidade que age” (ZUBEN, 2001, p. 33). Surge então o questionamento: de que totalidade o autor se refere? Baseado nas perspectivas do interculturalismo pode-se dizer que se relaciona à condição total do ser humano, em ser completo em seu modo particular de estar no mundo, com suas características que integram um ser capaz de pensar no *outro*, de acolher o *outro* em sua alteridade e acima de tudo, com capacidades que, unidas as partes existentes – modos de ser, estar e viver em sociedade – permitem comunicar com



o *outro*, trocar opiniões, compartilhar saberes e experiências a partir da relação mútua e respeitosa entre EU e TU.

A categoria EU-TU é fundamental para a compreensão do sentido da existência humana, devido sua abrangência colocar ênfase na relação entre os sujeitos – EU-TU – para a concretização do diálogo. Assim, EU-TU representa, sem dúvida, o estágio mais completo e maduro da filosofia relacional dialógica de Martin Buber, [...], pois sua “principal intuição foi exatamente o sentido de conceito de relação para designar aquilo que, de essencial, acontece entre seres humanos e entre o Homem e Deus” (ZUBEN, 2001, p. 27-28).

A primordial ênfase do diálogo está na palavra “entre”, que se dá por meio da inter-relação EU e TU. A vida em diálogo para Buber (2001) encontra-se embasado na: palavra, relação, diálogo, subjetividade, pessoa, responsabilidade, decisão-liberdade, inter-humano e reciprocidade como ação totalizadora.

A relação EU-TU é uma reflexão da existência humana, “ela é um ato do homem através do qual ele se faz homem e se situa no mundo com os outros” (ZUBEN, 2001, p. 28). Acrescenta que o “TU eterno” é aquele que “nunca poderá ser um ISSO” (Zuben, 2001, p. 29), ou seja, o TU nunca pode ser tratado como coisa ou um objeto. Desta forma, o Tu apresenta-se como *outro*, indispensável para o diálogo, ou seja, alguém situado no mundo e imprescindível para que o EU se concretize em sua essência, por meio do encontro e da relação.

O autor empregou vários termos para designar o fenômeno da relação, dos quais cita: “diálogo, relação essencial, encontro” (ZUBEN, 2001, p. 31). Atribui sentido as palavras “*encontro e relação* afirmando que ambos não são termos idênticos, mas, que o primeiro é algo atual, um evento que acontece atualmente, já o segundo engloba o encontro por possibilitar um encontro dialógico sempre novo” (ZUBEN, 2001, p. 31-32).

Zuben (2001) ressalta que a atitude primordial para a relação EU-TU se dá por meio do encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua. Já na relação EU-ISSO, ocorre por meio da experiência e utilização, atitude objetivante. “Uma é a atitude cognoscitiva e a outra atitude ontológica” (ZUBEN, 2001, p. 30). Mesmo na relação EU-ISSO “o homem tem possibilidade de estabelecer uma possibilidade de uma nova relação por meio do encontro dialógico” (ZUBEN, 2001, p.32).

Zuben (2001, p. 35), principal tradutor da obra de Buber também adverte que a relação EU-ISSO só é vista como negativa

[...] na medida em que o homem deixa subjugar-se pela atitude do mal, absorvido em seus propósitos, movido pelo interesse de pautar todos os valores de sua existência unicamente pelos valores inerentes a esta atitude, deixando, enfim, fenecer o poder de decisão e responsabilidade, de disponibilidade para o encontro com o outro, com o mundo e com Deus.

Desta maneira, pode-se dizer que a relação EU-TU passa a ser EU-ISSO quando o sujeito (EU) se utiliza do *outro* (ISSO) a seu benefício próprio, como objeto útil a atender suas necessidades objetivantes. O outro é tratado como um “qualquer” e não como um *outro* que possui representação, que se configura como indispensável para a relação, o encontro e o diálogo.



Em Buber (2009), ressalta-se que o diálogo entre EU-ISSO pode ser caracterizado em: *diálogo técnico* ou simplesmente em um *monólogo* disfarçado. “O primeiro faz parte dos seus bens essenciais e inalienáveis da existência moderna” (Buber, 2009, p. 54), ou seja, quando ocorre um debate em que os pensamentos não são expressos de forma contagiante, mas, necessariamente, pelo desejo de ver confirmado o ato, em que cada um se vê a si próprio sem influenciar ou deixar-se ser influenciado pelo outro. O último, o monólogo disfarçado de diálogo é uma espécie de discurso em que o sujeito fala sem se dirigir a um outro sujeito, quando a pessoa fala sozinha, quando o discurso ocorre sem a presença do outro, individualmente.

Assim, tecendo comparações com as perspectivas interculturais, pode-se dizer que na relação EU-TU o homem estaria aberto para acolher o *outro*, de uma cultura diversa da sua e com ele estabelecer um diálogo harmonioso, respeitando sua diferença e identidade cultural, porém na relação EU-ISSO o homem desenvolveria uma atitude de estranheza e intolerância diante o *outro*, diante sua cultura e seu modo de viver no mundo.

A nosso ver, é justamente nessa relação EU-ISSO, que muitos indivíduos de grupos e culturas diversos são oprimidos, principalmente no que tange a atitudes de preconceito e discriminação. Quando o sujeito EU não abre possibilidade de encontro com o TU, como *outro*, quanto o EU visualiza o TU como um ISSO como objeto, coisa ou como um “outro” alheio a mim. No dizer de Zuben (2001, p. 36) “o ISSO é visualizado como objeto manipulável, de uso, de conhecimento, de experiência de um EU”.

O próprio autor ressalta que a relação EU-TU não é reservado às pessoas mais “poderosas”, de maior poder de acesso à cultura – “aos sábios ou aos artistas” (ZUBEN, 2001, p. 36), pelo contrário, a relação EU-TU pode ser qualquer ser que esteja presente no face-a-face uma vez que é no encontro e na relação em que o diálogo se concretiza.

Isso justifica que, não obstante, ocorre o diálogo apenas entre indivíduos de classe dominante, de cultura hegemônica. Ao contrário, ele necessariamente deve se concretizar entre os sujeitos, independente de classe, raça, gênero ou de qualquer localização geográfica, enfim, o diálogo deve ser considerado como possibilidade de interrelação entre os seres humanos inseridos em culturas ou grupos sociais e culturais diversos. Essas características de diálogo são base para as reflexões em torno do interculturalismo, cuja ideologia prima pelo encontro, pela relação e comunicação entre os povos como forma de respeito ou até mesmo como possibilidade de mediar conflitos.

Surge então a necessidade da concretização do diálogo como possibilidade de encontro, o qual se discutirá a seguir, com base no discurso do interculturalismo.

O interculturalismo como possibilidade de diálogo

O interculturalismo nasce das críticas atribuídas ao multiculturalismo no que tange as formas de compreender as relações entre culturas. Tendo como representante no Brasil Reinaldo Matias Fleuri, a educação intercultural surge como uma política de valorização das diferenças. Trata-se de uma educação baseada no respeito à diferença, no reconhecimento das diferentes manifestações culturais, de forma a contribuir para a superação de atitudes de medo e de intolerância perante o outro, “o diferente”, construindo,



assim, uma possibilidade de leitura e consciência da pluralidade cultural e social que existe em uma sociedade multicultural (MOREIRA, 2010).

Face às exigências oriundas das novas configurações das sociedades contemporâneas, torna-se visível a preocupação no que tange a comunicação interpessoal entre sujeitos com diferentes culturas, por isso as perspectivas educacionais do interculturalismo contribuem para pensar em uma educação pautada na relação dialógica a partir do reconhecimento da pluralidade cultural existente em diferentes territórios.

Para Fleuri (2003) o termo intercultura aponta para uma relação de interpenetração cultural, de ativa relação entre os membros de grupos humanos diferentes, de forma a focalizar especificamente a possibilidade de respeitar as diferenças culturais e de integrá-las em uma unidade que não as anule.

Pode-se entender intercultura como significando encontro, diálogo entre várias culturas, de modo que os indivíduos possam interagir sem preconceitos e discriminações, resguardadas suas “diferenças”. Falar em diferença remete-nos, portanto, a assumir uma postura e um compromisso com o estabelecimento de espaços democráticos para o exercício de uma cidadania plural e consciente.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a educação intercultural surgiu a partir dos movimentos multiculturais que evidenciam a noção de reconhecimento das diferentes culturas dentro de um mesmo território. Porém, diversamente, o interculturalismo não somente acredita na presença de várias culturas, mas também considera a possibilidade de interação entre elas, ou seja, prima pela interação e o diálogo entre culturas diversas que coexistem em um mesmo espaço (MOREIRA, 2010).

O interculturalismo, no entanto, se solidifica na diferença e na alteridade, implicando em novos paradigmas em termos de se pensar o pluralismo cultural existente nas sociedades, sem anular a identidade de cada cultura existente. Para isso busca promover uma relação harmoniosa entre as culturas, em que o diálogo entre os indivíduos se faz necessário.

Ao colocar ênfase na relação entre culturas e reconhecer a pluralidade existente, o interculturalismo considera a possibilidade de convivência e intercâmbio de diversas culturas em um mesmo território ao apontar para o estabelecimento de comunicação entre indivíduos e culturas de grupos diferentes.

Para Fleuri (2003, p. 75),

A educação intercultural propõe uma relação que se dá, não abstratamente, mas entre pessoas concretas. Entre sujeitos que decidem construir contextos e processos de aproximação, de conhecimento recíproco e de interação. Relações estas que produzem mudanças em cada indivíduo, favorecendo a consciência de si e reforçando a própria identidade. Sobretudo, promovem mudanças estruturais nas relações entre grupos.

O autor acrescenta que a “educação intercultural questiona estereótipos e preconceitos legitimadores de relações de sujeição ou de exclusão e, desta forma, estes são até mesmo superados na medida em que sujeitos diferentes se reconhecem a partir de seus contextos, de suas histórias e de suas opções” (FLEURI, 2003, p. 73).



Assim, a proposta educacional do interculturalismo reside no fato de pensar nesta complexidade de culturas existentes no espaço escolar implicando no desenvolvimento de práticas educacionais que desafiem métodos e técnicas excludentes em face das representações preconceituosas, pois prima pela integração e comunicação entre as culturas que se manifestam na escola. Sendo assim, “a educação intercultural não apenas reconhece as diferenças, como se esforça para propor alternativas que ajudem a superar as discriminações e as práticas de exclusão” (MARCON, 2006, p. 324).

O maior desafio surge então em encontrar alternativas que, de direito, contribuam para pensar no diferente, reconhecer os processos socioculturais e as diferenças culturais existentes nas sociedades contemporâneas, para que de fato possa superar atitudes de intolerância, preconceito e discriminação perante o outro. Esse processo dinâmico e ao mesmo tempo complexo é necessário para reconhecer a pluralidade de culturas que se manifestam nos espaços educacionais, onde o interculturalismo implica em tomar consciência da diferença e da alteridade na relação entre eu e o outro.

Freire (1996) ao reconhecer a diferente enfatiza não ela em si mesma, mas, como caminho para que suas relações pedagógicas pudessem produzir resultados. Reconhecer que os diferentes grupos étnicos constroem e possuem modos de vida com características próprias poderá ser um ponto de partida para a efetivação de práticas educativas conscientes no ambiente educacional e, ainda, deverá ser um dos desafios para os docentes no novo cenário da educação contemporânea.

Para Candau (2008), a perspectiva do interculturalismo é complexa e desafiante, porém, ressalta que quando se promove o diálogo intercultural se assume uma abordagem de orientação liberal e se focaliza, com frequência, as interações entre diferentes grupos socioculturais. Mesmo que embrionária as discussões em torno do interculturalismo nos remete a compreensão no que tange a interação e a reciprocidade entre grupos diferentes, como fator de crescimento cultural e de enriquecimento social.

A corrente intercultural quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais.

Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas (CANDAU, 2008, p. 23).

Embora pense que o diálogo e o contato entre culturas se apresente de forma simples, não se pode menosprezar que esta troca e mediação se configura de forma unidirecional, ou seja, não é simplesmente unir uma cultura na outra, mais estabelecer um encontro, um diálogo, uma comunicação entre elas e principalmente entre os indivíduos inseridos nela.

Estabelecendo o Diálogo Intercultural: Um Caminho a Percorrer

Diante das mudanças sociais provocadas pelo sistema capitalista, com o avanço dos meios de comunicação virtual por meio das redes sociais e telefonia móvel, surge a necessidade do ser humano repensar sobre os antigos padrões dialógicos através da comunicação interpessoal.



As reflexões de Buber (2011) quanto ao chassidismo certamente, ajudará a entender mais a fundo a posição do homem quanto à mediação do diálogo intercultural com *outro*, considerado como *diferente*.

Buber (2011) ao reconhecer que o homem é capaz de auto elevação, por meio das análises de seus atos e ações nos faz entender que ele é peça indispensável e apropriada para estabelecer o diálogo intercultural. Indagar essa capacidade de comunicação interpessoal do homem com seus semelhantes parece ser crucial para o acolhimento das diferenças em uma sociedade multicultural.

O entendimento de que se deve sair de esconderijos parece plausível para o acolhimento da diferença com a devida responsabilidade que nos cabe. O ensinar e aprender com ela, dando significado a sua existência surge como algo indispensável para o estabelecimento do diálogo. Por isso, não se deve escapar da responsabilidade que a vida impõe, pelo contrário, carece sair do comodismo e enfrentar a diferença como possibilidade de encontro, como ressalta Buber (2011, p. 10) “para escapar da responsabilidade por sua vida, a existência é transformada num sistema de esconderijos”.

Que esconderijos são esses? Quais responsabilidades são estas? Que posição social o homem deve assumir? E o diálogo intercultural, afinal é possível? Esses e outros questionamentos podem contribuir para um debate maduro quanto a importância do ser humano. Isso ocorre na concretização da comunicação por meio de um diálogo fraterno e humano entre os seres humanos que coexistem em um mesmo território e que compartilham saberes de culturas distintas.

Essas e outras interrogações podem ser comparadas com os ensinamentos do chassidismo, para apoderar as análises voltadas para a repreensão do próprio homem, ou seja, ao invés de respostas dadas quanto aos acontecimentos da vida pessoal, usa-se a Bíblia para embasamento das controvérsias existentes nela. Como ressalta Buber (2011, p. 09) “[...] mas a Bíblia lhe coloca perguntas na boca como se fossem de alguém que quer ser informado de algo que não sabe”.

A nosso ver, o homem é capaz de compreender a necessidade de retomar aos velhos modos de comunicação, em que o encontro, o face a face com outro é indispensável para a ocorrência do diálogo. Isso será possível quando ele, somente ele interrogar a sua posição nesta conjuntura, para a partir daí, compreender com suas próprias análises seu papel na relação e mediação dialógica.

Para Buber (2011, p. 11) enquanto o diálogo não acontecer, a vida do ser humano não se transforma num caminho e esse caminho da vida do homem se inicia com a autocontemplação (p. 12). Autocontemplar para o autor é voltar ao caminho, refletir e analisar suas próprias ações para transformar o futuro. Por meio da autocontemplação o homem é capaz de direcionar seu pensamento para dentro de si, interrogar seus próprios atos e modifica-los por meio de um processo de profunda análise crítica, determinação e superação do ser.

Em um diálogo do pregador Maggid, Buber ressalta no texto *O caminho particular* que “também nós, cada um da sua maneira, devemos criar, à luz do ensinamento e do serviço, algo novo; não o que já foi feito, mas aquilo que está por fazer” (BUBER, 2011, p. 16). Desta forma, pode-se afirmar que, cada um de sua maneira particular deve fazer algo para concretização de uma vivência harmoniosa entre

indivíduos de culturas distintas, para isso, o *primeiro* passo da filosofia relacional dialógica, é estabelecer o diálogo.

Isso se torna possível devido cada ser humano possuir, apesar da semelhança física existente entre os humanos, a capacidade única e particular de criar algo novo, capaz de transformar o mundo. Se este ser é capaz de transformar o mundo, ele necessariamente é capaz de estabelecer mudanças no espaço em que vive, contribuindo para a construção de uma sociedade plural, mais humana, menos preconceituosa.

O *segundo* passo da filosofia relacional dialógica é a reflexão pessoal de suas atitudes, valores, seu modo de ser, existir e de suas potencialidades que contribuem para a sua reflexão pessoal capaz de tornar real o diálogo com o *outro*. O homem é capaz e fazer algo novo e não apenas repetir algo do outro (BUBER, 2011, p.17).

O mesmo autor ainda afirma que:

Em cada um há algo precioso, algo que inexistente em qualquer outra pessoa”. Mas aquilo que torna um homem “precioso” só pode ser descoberto por ele mesmo, quando ele assumir verdadeiramente seu sentimento mais forte, seu desejo central, que está dentro dele, que movimenta seu interior (BUBER, 2011, p. 18-19).

Nesta conjuntura, deve-se esforçar para tornar possível a relação com o semelhante, pois possibilita o diálogo intercultural. Para tanto, deve-se questionar ações, atos e atitudes perante o outro. Interrogar, não aos outros, mas a si mesmo, pois o ser humano é responsável por suas ações e tudo depende em grande parte de si para que ocorra a transformação da sociedade em que vive e ainda, para mediar muitos conflitos. É necessário, muitas vezes, que a atitude inicie com minha ação e não com a ação do outro. Isso expressa a essência do *Começar consigo mesmo* (BUBER, 2011).

O *terceiro* passo da filosofia relacional dialógica seria não omitir ou sequer tentar negar a presença das diferenças culturais existentes em uma determinada sociedade ou território, pelo contrário, cabe interrogar: Qual o papel delas? Que lugar ocupam? Qual a importância do *outro* para a concretização do diálogo? E ainda: O que estou fazendo para a concretização do diálogo com o outro? Esses questionamentos buscam reafirmar o que Buber (2011) expressa quando ressalta que a indagação de Deus na Bíblia Judaica, busca atingir o ser humano e destruir seu sistema de esconderijos, conforme apontado anteriormente, mostrando-lhes onde foi que ele se originou, despertando nele a grande vontade de mudar, de respeitar o outro, sua essência e seu significado. Trata de compreender que o outro é indispensável para a ocorrência do diálogo.

O ideal neste estudo vem do entendimento de que esse sentimento e desejo devem ser canalizados para a concretização do diálogo com o outro, que inúmeras vezes contribui para amenizar o conflito entre seres de culturas distintas.

Como afirma Buber (2011, p. 31):

O homem deve, em primeiro lugar, reconhecer que a situação de conflito entre ele e os outros é apenas efeito de situações de conflito em sua própria alma; em seguida, deve tentar superar esse seu conflito interno, para então ter com seus próximos, como um homem transformado, pacificado, novas relações, transformadas.



Por meio da comunicação, do diálogo, entende-se que é possível haver a troca de conhecimentos e a reconstrução da identidade do sujeito. O conflito neste processo apresenta-se como parte integrante, pois os diversos posicionamentos políticos, social, cultural, antropológico, gnosiológico se colidem neste contexto favorecendo um novo conhecimento. O conflito é parte essencial da formação cultural e pode ser canalizado para provocar mudanças no processo educacional por meio da intermediação entre os sujeitos.

Mesmo estando em constante ameaça, a relação entre culturas é necessária e o diálogo apresenta-se como essencial neste processo. Levando em consideração as perspectivas do interculturalismo, a cultura coloca em um plano voltado para a negociação da diferença, mesmo que o contato com o diferente não conduz a essencialmente para uma relação pacífica, mas remedia o confronto por meio do diálogo.

Seria incorreto pensar o interculturalismo somente como um processo harmônico, que com um toque de mágica poderia superar qualquer forma de conflito, desentendimento, discriminação ou qualquer outra forma de opressão. Ele nos ajuda a compreender múltiplos caminhos de mediação com o diferente por meio da importância que representa o outro na relação do diálogo. O entrelace de culturas para o interculturalismo significa um momento fecundo de significados, em que um depende do outro, ou seja, de constante reconstrução da identidade que se enriquece com a presença e o encontro com o outro.

A origem dos conflitos estaria então no fato de, como o ser humano pensa, vê, reconhece, rotula, nega e fala do outro, seu semelhante, é considerado como diferente. Ela é oriunda também da negação das diferenças, pela subordinação de classes, pela opressão, marginalização, discriminação e preconceito vivido por indivíduos e grupos que coexistem em um mesmo espaço.

Como dizia Buber (2011) no diálogo entre o rabi David de Lelow (professor) e os grandes de Israel em uma visita ao rabi Jizchak de Worki “então eu entendi o que meu professor queria dizer: tudo depende de mim”. Essa história toca um dos problemas mais profundos e difíceis de nossa vida: a verdadeira origem do conflito entre as pessoas (p. 30). O autor acrescenta ainda que, “a origem de todos os conflitos entre mim e os que me rodeiam é eu não dizer o que penso e não fazer o que digo” (p. 33).

O *quarto* ponto da filosofia relacional dialógica reside no fato de questionar a origem desses conflitos, os motivos pelos quais contribuem para que os indivíduos se defrontem e enveredar-se na luta em prol do outro, do aprender e com o *outro* e ensinar o *outro*. Uma luta social, política, educacional e humanística que favoreça o outro, principalmente aqueles de grupos minoritários como índios, negros, idosos, crianças, mulheres, pessoas com necessidades educacionais especiais ou ainda aqueles cujos padrões sociais não são semelhantes aos dominantes.

Conforme os ensinamentos de Buber (2011), deve-se neste caso, enxergar não apenas como indivíduo com o qual outros indivíduos se defrontam, mas como uma pessoa autêntica, cuja transformação ajuda na transformação do mundo. O ser humano é capaz de se engajar nessa luta social, cabe a ele dar o primeiro passo, trata-se apenas de começar consigo mesmo, e nesse momento não se deve preocupar com nada no mundo senão com esse começo.

Para o autor qualquer outra atitude desvia do começo, enfraquece a iniciativa, frustra todo o empreendimento audaz e poderoso que se tem de começar, ressalta que:

Alimentamos e fazemos crescer as situações de conflito com nossa contradição, com nossa mentira, conferindo-lhes poder sobre nós, até que sejamos escravizados por elas [...], não há outra saída senão pelo entendimento da transformação: tudo depende de mim, e pela vontade da transformação [...]. Mas, para que o homem alcance esse grande feito, ele precisa primeiro - partindo de todos os penduricalhos de sua vida - chegar ao seu “eu”; ele precisa se encontrar, não o eu evidente do indivíduo egocêntrico, mas o eu profundo da pessoa que vive numa relação com o mundo (BUBER, 2011, p. 34).

Com esse pensamento surgem ainda outros questionamentos: O que se pode fazer para tornar real essa mudança? Como mediar os conflitos existentes em uma sociedade multicultural? Buber (2011) nos responde que “cada um deve tomar consciência de si mesmo, escolher seu caminho especial, [...] começar consigo mesmo, [...] é preciso apenas escutar com atenção para perceber como isso não apenas é coerente, como também surge como um ingrediente necessário [...]” (p. 37).

Deve-se ser humilde o suficiente para compreender que em pleno século XXI as relações humanas estão cada dia mais conflituosas, e por isso deve-se pensar no plural, em atitudes que contribuem para o estabelecimento de um diálogo fraterno e respeitoso entre os seres humanos. O diálogo intercultural surge desta forma, como uma das principais maneiras para a interação e comunicação interpessoal, pois ele é capaz de solucionar disparidades, conflitos por meio da troca de informações entre os seres humanos.

A grande perspectiva reside no fato de esforçar, por meio de nossas próprias reflexões e ações, para respeitar as diferenças, superar os conflitos e, reconhecer que os indivíduos são diferentes uns dos outros. “A grande perspectiva da humanidade reside exatamente na diversidade dos homens, na diversidade de suas características e aptidões” (BUBER, 2011, p. 17).

A Educação Dialógica: Uma Nova/Velha Exigência Educacional

Quais as exigências da educação contemporânea? Que modelo de educação se está buscando? Estas e outras perguntas estão no cerne dos debates educacionais dos últimos anos. Trata-se não de oferecer um modelo padrão de educação, mas, parece que o ponto chave é refletir em perspectivas educacionais que atendam às exigências das sociedades multiculturais.

O alvo da discussão parece ser oriundo da necessidade de entender a realidade que se manifesta na atualidade, seus desafios e possíveis possibilidades que possam orientar os rumos a que se quer chegar. O primeiro passo parece ser compreender as particularidades de cada aluno que estão sendo inseridos nas instituições educacionais, seus costumes, realidades sociais, sua cultura, seu modo e visão de mundo. O significado que cada um carrega em si originário de sua expectativa histórica surge como ponto relevante a ser questionado.



Nos apontamentos de Buber (1982) considera-se que cada aluno possui uma realidade própria e a educação deve, portanto, preocupar-se em acolher essa realidade, não desperdiçar suas forças criadoras no que tange a acolher as manifestações da criança. Parece compreender a identidade de cada aluno, respeitar suas diferenças, ensinar e aprender com ele por meio do compartilhamento de conhecimentos que repercutem na sala de aula.

Educar respeitando as diferenças parece ser um dos maiores desafios, quando o espaço escolar é caracterizado por inúmeras manifestações e culturas que, sobretudo, buscam reconhecimento em seu modo de ser. “A criança é realidade, e a educação deve tornar-se realidade” (BUBER, 1982, p. 06).

Isto remete dizer que a educação deve instigar o poder de criação do aluno, para que ele, por meio de suas próprias análises possa descobrir suas potencialidades, pois cada um possui habilidades capazes de produzir algo novo e acima de tudo, com capacidade de produção voltada para o bem comum de todos.

Todo mundo está dotado elementarmente das forças fundamentais das artes, do talento para o desenho, por exemplo, ou do senso musical; estas forças devem ser desenvolvidas e é sobre elas, isto é, sobre uma atividade natural e espontânea, que se deve edificar à educação de toda a pessoa (BUBER, 1982, p. 06).

Entender que a escola deve usufruir dessa capacidade criadora do ser humano para benefício do processo educacional, em que o aluno possa também ser responsabilizado pelo seu aprendizado por meio de sua participação ativa. Neste sentido, o estudo adota como primordial nesse processo que a educação possa estimular principalmente o poder de comunicação que todos os seres humanos possuem, por meio da linguagem, do diálogo e da relação.

A função da educação é não desperdiçar as potencialidades dos alunos, mas, canalizá-las para o bem de todos, para a concretização do respeito frente a diferença e pluralidade cultural existente no espaço escolar e na sociedade em que vivem. É, portanto, responsabilizar o aluno da importância de viver em comunidade, de não apenas seguir seu modo individual de ser, mas, lutar pelos direitos, pela educação coletiva e plural.

Buber (1982, p. 08-10) ressalta que

Será necessário que alguém o tome pela mão, não como um “criador”, mas como criatura entre as criaturas, [...] para que ele adquira o conhecimento íntimo da mutualidade e dela participe, [...] uma pessoa presente a nós, uma pessoa que vem a nós como nós vamos a ela, que nos escolhe e nos reconhece como nós a escolhemos e reconhecemos, que se apoia em nós como nós nos apoiamos nela.

Pauta-se em uma educação voltada para a liberdade do sujeito, na espontaneidade de manifestação e acima de tudo na liberdade de comunicação. Uma educação sem imposições, não dirigida unicamente pelo ensino de regras e técnicas, mais uma educação libertadora, crítica-educativa.

Freire (1968, p. 34) conceitua educação libertadora como uma “pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que está pedagogia se fará e refará”. O autor reflete que a educação teria caráter libertador e não domesticador do aluno caracterizado pelo antigo modelo tradicional de educação. A educação estaria pautada

em uma práxis educativa, que o sujeito fosse capaz de libertar-se de toda situação de opressão por meio da libertação de sua própria consciência. Este se tornaria um sujeito crítico e reflexivo com capacidade de transformar a realidade na sociedade em que vive.

Em conformidade, a educação para Buber (1982, p. 11) seria:

Consciente e voluntária, [o que] significa “seleção do mundo que age” através do homem; significa conceder a uma seleção do mundo, recolhida e manifestada no educador, o poder decisivo da influência. Livre da corrente geral de uma educação não intencional e rodeada por uma cerca, a verdadeira atitude do educador é a intenção. Assim, é somente no educador que o mundo se torna verdadeiro sujeito de sua ação.

A educação estaria pautada no processo de intencionalidade, voltada para atender a necessidade da realidade que se manifesta oriunda da sociedade contemporânea. Uma educação humanizadora, participativa, espontânea e plural.

O papel do educador seria apostar no seu poder de transformação da realidade existencial, por meio do diálogo com seus educandos e pautado na liberdade de expressão os sujeitos possam se sentir envolvidos no processo educativo, responsáveis também por sua aprendizagem. A escola passaria a oferecer o que Derrida (2003) chama de hospitalidade aos seus alunos, acolhendo as diferenças, respeitando-as. No entanto, parece que o desafio é oferecer uma “hospitalidade incondicional” aos seus educandos, passando a ser uma instituição de fato “acolhedora”. O aluno deixa de ser um estranho, tratado como bárbaro e passa a ser um autor, com garantia do seu estatuto social de direito.

Torna-se estranho a escola “acolher” o aluno e no mesmo instante lhe impor regras a serem seguidas, como se fossem verdadeiros pactos e condições a serem cumpridas, para poder fazer parte do processo, ou seja, o educando, para ser “hospedado” na escola, deve cumprir as leis e deveres para, a partir daí, poder ser inserido e fazer parte do contexto escolar. Assim, o educando já entra na escola sendo submetido a determinadas regras culturais, caso contrário, poderá ser excluído do processo.

O fato seria não rotular o aluno como capaz ou incapaz, mas, educar para a multiplicidade e a diferença, por meio de um envolvimento entre as partes, na relação de mutualidade entre professor e aluno, sem um se sobrepor ao outro, sem impor uma cultura a outra por meio da unilateralidade, mas, por meio de um processo ambilateral e recíproco. Uma relação entre EU (professor) e TU (aluno), pautada na reciprocidade, no encontro e no diálogo intercultural.

Considerações Finais

O estudo considerou que as realidades socioculturais presentes nas sociedades contemporâneas exigem esforços de nós pesquisadores para se pensar nas diferenças como possibilidade de encontro, de relação entre os indivíduos de grupos minoritários e majoritários. A pesquisa é um instrumento capaz de intervir na realidade, principalmente quando esta baseada em perspectivas interculturais de educação. Para tanto, a filosofia relacional dialógica e o interculturalismo surgem, nesta conjuntura, como movimentos que possibilitam reflexões a partir de um debate autêntico que pode promover o intercâmbio, a comunicação entre os sujeitos ao colocar ênfase no diálogo entre as culturas.



Destacamos que o diálogo é indispensável na relação entre os sujeitos, pois através dele se pode remediar conflitos, principalmente no que tange a conflitos entre grupos sociais e culturais diversos. Consideramos que quando o ser humano (EU) transforma o outro (TU) em uma coisa (ISSO) não ocorre o diálogo intercultural.

Referências

BUBER, Martin. **EU e TU**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, Martin. **O caminho do homem segundo o ensinamento chassídico**. Tradução Claudia Abeling, posfácio Albrecht Goes. São Paulo: Realizações, 2011.

BUBER, Martin. Limitação: os domínios. In: BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. Tradução Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BUBER, Martin. Da função educadora. Tradução de Moacir Gadotti e Mauro Ângelo Lenzi. In: **Revista Reflexão**, Campinas, n. 23, p. 5-23, maio/ago. 1982.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade** / Jacques Derrida [Entrevistado]. Tradução de Antonio Romane, revisão técnica de Paulo Ottoni, São Paulo: 2003.

FLEURI, Reinaldo Matias (Org). **Educação Intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MARCON, Telmo. Educação intercultural, diversidade e tolerância. In: FAVERO, Altair Alberto; DALBOSCO, Claudio Almir; MARCON, Telmo (org.). **Sobre filosofia e educação: racionalidade e tolerância**. Passo Fundo: Ed. da UPE, 2006, p. 312-327.

McLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2000.

MOREIRA, Laíne Rocha. **Multi/interculturalismo e educação: perspectivas e repercussões atuais nas práticas educativas**. Monografia. Universidade Federal do Pará. Faculdade de Educação. Altamira, 2010.

ZUBEN, Nilton Aquiles Von. Introdução. In: BUBER, Martin. **EU e TU**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001. p. 7-49.

MARTA Genu Soares

Doutora em educação. Docente Titular da Universidade do Estado do Pará. Pesquisadora do Grupo de pesquisa Resignificar.

Laíne Rocha Moreira

Mestre em Educação. Docente da Universidade do Estado do Pará/UEPA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Resignificar.

José Anchieta de Oliveira Bentes

Doutor em Educação. Docente da Universidade do Estado do Pará/UEPA. Líder do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia GELPEA.

